

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO I N.º 1

DOMINGO - 14 de Junho de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Editor e Proprietário - Armando Rocha Cruz ♦ Director - JOÃO ADELINO DIAS PENA ♦ Director Regional em Lisboa - Jorge Manuel Freire Medeiros

EDITORIAL

AO INICIAR a publicação do «Noticias do Algarve», é com o maior prazer que enviamos cordiais saudações à Imprensa, e, em especial, a todos os nossos Colegas da província — a chamada pequena imprensa, — que se caracteriza pelo desinteresse e dedicação com que serve uma causa que, por experiência, sabemos ser bastante árdua e de méritos nem sempre devidamente reconhecidos. Aos seus, vamos juntar os nossos esforços, visto que todos não somos demais para o cabal cumprimento da missão que servimos.

Subordinado a uma firme directriz de intensa defesa regionalista, o «Noticias do Algarve» não limitará a sua acção — que procuraremos seja sempre disciplinada e construtiva — apenas ao que disser respeito aos interesses da nossa terra, embora estes sejam o seu principal objectivo.

É nosso desejo, também, exercer funções de horizontes mais vastos, alargar o âmbito da nossa actividade a todas as regiões do Algarve, quer por intermédio de correspondentes, quer tomando directo conhecimento dos assuntos, firmemente decididos, sempre, a fazer eco das suas legítimas aspirações e a pugnar desinteressada e lealmente pelos seus superiores interesses.

De todos os algarvios, e, muito particularmente, de todos os vilarealenses, esperamos uma justa compreensão dos nossos objectivos, pois, sem isso, sem a sua preciosa cooperação e apoio, ser-nos-á extremamente difícil cumprir a finalidade que nos propomos.

Movimento

dos portos do Algarve

Segundo o «Boletim do Porto de Lisboa», o movimento de entradas de navios nos portos do Algarve em 1951 foi o seguinte

Vila Real,	296,	com 252.052 ton.
Portimão,	128,	» 158.138 »
Albufeira,	16,	» 18.461 »
Lagos,	9,	» 9.826 »
Faro,	103,	» 6.368 »
Olhão,	36,	» 3.153 »
Tavira,	10,	» 487 »

Este número do «Noticias do Algarve» tem 10 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

UM VERDADEIRO PLANO PARA SOLUÇÃO DOS SAGRADOS PROBLEMAS DAS CONDIÇÕES DE VIDA DO POVO E DO ENRIQUECIMENTO E EMANCIPAÇÃO ECONÓMICA DO NOSSO PAÍS

NESTA época de realizações que se atravessa em Portugal, já não nos admiramos ao tomar conhecimento de mais um plano concebido;

GOVERNADOR CIVIL DE FARO

TENDO tomado posse, há pouco tempo, da chefia do distrito, o sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, não podíamos deixar de nos referirmos a esse facto, por dois motivos: em primeiro lugar, para lhe apresentarmos os nossos cumprimentos, formulando sinceros votos para que a sua acção nesta província seja coroada de absoluto êxito; e, por outro lado, para manifestarmos o nosso regosijo pelo facto do sr. Ministro do Interior ter escolhido, para digno continuador da obra realizada pelo Dr. Agostinho Pires, um algarvio ilustre que, em seis anos consecutivos no governo do distrito autónomo da Horta, dispersando a sua actividade pelos mais diversos sectores de trabalho, ali deixou, em todos eles, «a marca do seu espírito de iniciativa, do sentido das responsabilidades, e até da arte subtil de conviver com os homens, a qual é indispensável a toda a acção política» — como afirmou o sr. Dr. Trigo de Negreiros, no discurso proferido no acto da posse.

No mesmo acto, o sr. Governador Civil, ao terminar a sua brilhante oração, declarou: — «Vou para Faro servir e trabalhar, de cuja síntese espero resulte a acção de cumprir. Para a minha missão conto com todos os homens de boa vontade».

Podemos afirmar ao sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão que, em tudo quanto se relacione com a salvaguarda dos interesses do Algarve, e o seu progresso, pode contar com a decidida boa vontade deste jornal e de quantos nêle trabalham.

passamos apenas a contar o tempo até ao vencimento das datas indicadas, que sabemos serão cumpridas.

No entanto, neste caso do recente Plano de Fomento, pela sua grandeza e transcendência, numa época em que o dia de amanhã parece depender menos de nós próprios, em que o exemplo do civismo crescente do nosso País não chega para afastar males que de longe possam vir a afectar-nos, neste caso, dizia, sentimos nascer em nós legítimo orgulho e uma justificada satisfação pelas obras e proveitos que estamos certos de vir a contemplar e usufruir, e uma franca admiração por todos aqueles que, através das suas diversas actividades, tiveram trabalho e inteligência para as conceber. Para todos esses deve ir o nosso agradecimento, crenças como estamos de que para eles será porventura o agradecimento dos Portugueses a melhor retribuição pelo seu trabalho.

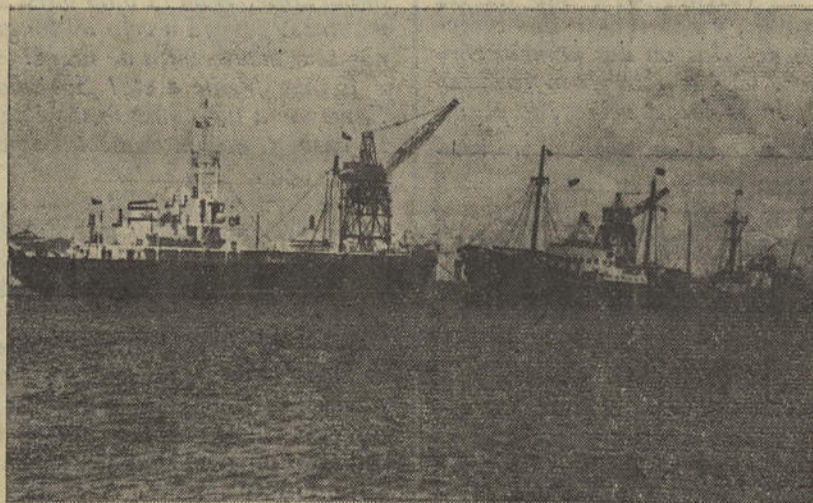
O Plano de Fomento, cujas

(CONCLUI NA 9.ª PÁGINA)

Praia de Monte Gordo

A Câmara Municipal tem a concurso publico a execução das Obras de Construção de um reservatório em Monte Gordo, integrado no abastecimento de água a esta Praia.

O porto de Vila Real de Santo António interessa a todo o Algarve



Grandes navios á carga no caes comercial de Vila Real de Santo António

AREUNIÃO que se efectuou no dia 1 deste mês em Faro entre autoridades portuguesas e espanholas para se estudar a melhoria das dragagens da barra do Guadiana, há muitos anos a cargo da Empresa concessionária da

Mina de S. Domingos, pode ter consequências económicas altamente vantajosas para o Algarve.

Efectivamente interessa aprofundar a barra, dar-lhe mais uns seis ou oito pés, permitin-

(CONCLUI NA 9.ª PÁGINA)

A COROACÃO DE ISABEL II

DESDE o momento em que nasceu, em 21 de Abril de 1926, a princesa Isabel Alexandra Maria Windsor foi treinada gradualmente, como possível herdeira do Trono.

Quando Eduardo VIII, após o seu breve reinado abdicou,

por VERA PONCE DE LÉON

a si própria, a sua vida privada tornou-se quasi impossível, os seus futuros súbditos exigiam a sua presença, em festas de caridade, exposições, concer-



tornou-se mais claro o caminho a seguir pela princesa.

Com a subida ao trono de Jorge VI, ela ficou sendo herdeira dos destinos, de uma das maiores potências do mundo. Isabel, deixou de se pertencer

tos... Gostavam da pequena princesa de olhos azuis e cabelos loiros, e como todos aqueles que amam, exigiam a sua presença, queriam vê-la, ouvi-la. Por estranho que pareça,

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

UMA AVENTURA MUSICAL

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

ENQUANTO no balse «Povo Algarvio» se continuará desenrolando a aventura musicalógica a que fui levado pela invenção, já longínqua, dum novo sistema de nomenclatura da escala dodecafónica, começarei a desenrolar aqui as peripécias da autêntica aventura musical em que me encontro meudo e que até agora tem permanecido secreta mesmo para os amigos a quem costume narrar o que se me passa, por me mostrarem interesse por tal bisbilhotice... (Julgo bem que a devassa deste segredo será, por assim dizer, inexistente para eles, como para toda a gente musicológica ou musical de além-Algarve, porquanto Vila Real de Santo António ainda mais longe fica do que Tavira; e assim este «Noticias do Algarve» terá a dupla vantagem de narrar aos algarvios leitores coisas distantes das suas preocupações ou curiosidades, e de ser, para os portugueses distantes, quanto ao que me diz respeito, uma especie de panteón del olvido involuntário...)

Ora... há uns dois anos, estando um dia a almoçar, fala-me

minha mulher dum notícia que vinha num jornal, um concurso musical para o centenário colom-

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

Educação Física

O Clube Náutico inicia

um curso de Ginástica

TEM SIDO verdadeiramente incansável a actividade do Clube Náutico desta Vila, que, na intenção de preparar devidamente os atletas das várias modalidades, que mantem (vela, remo, hoquei, tatebol, etc.), iniciou um curso de ginástica, dirigido pelo prof. sr. Luís Manuel Falcão Santos, diplomado pelo Instituto Nacional de Educação Física, que funcionará às terças e sextas feiras no Ginásio privativo daquele Clube.

A inscrição para este curso, que é extensiva a indivíduos não sócios, pode ser feita na Sede do Clube Náutico, ou a qualquer dos seus directores, que prestarão todos os esclarecimentos necessários.

MOCIDADE PORTUGUESA

A Casa da M. P. em Vila Real de Santo

António inaugurou o VII Salão de Estética

COM a presença do Delegado Provincial da M. P. no Algarve, Ex.^{mo} sr. Major Manuel Madeira Júnior, Director do Salão e representantes de Portimão, Lagos, Tavira e Silves, que constituíam o júri, bem como de mais autoridades e dirigentes locais da M. P. F. e M. P. inaugurou-se na Casa da Mocidade o VII Salão de Estética do Algarve, que este ano incluiu também os trabalhos da M. P. F. do Baixo Alentejo.

A exposição que encerra cerca de um milhar de trabalhos é de todo notável. Desde os pequenos trabalhos das Escolas Primárias até aos de ferro forjado, bordados, tapeçarias, trapologia, pintura e aguarela, marcenaria e carpintaria, todos eles são dignos dos mestres e dos seus executores. Não podemos deixar de citar o mobiliário construído nas Oficinas do Centro Extra Escolar n.º 1 — C. A. T. — que com persistência se mantém, preenchendo assim, ainda que de minúscula, a falta da Escola Técnica profissional na nossa vila.

Após o acto inaugural foi oferecido na Subdelegação Regional um Porto de Honra que deu ensejo à troca de brindes amistosos e afirmações quanto à utilidade destes certames.

Aproveitando a apresentação do Salão de Educação e Estética, dignou-se Sua Ex.^a o sr. Comissário Nacional, deslocar a esta vila, o ilustre pintor António Lino, — artista bem considerado nas obras realizadas no novo Palácio da Justiça de Tomar, tanto em frescos como vitrais — afim de realizar uma conferência orientadora para os futuros Salões.

A conferência que se realizou em 7 do corrente, no Salão Nobre dos Paços do Concelho e presidida pelo Presidente da Câmara Municipal, Ex.^{mo} sr. Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, secretário da Subdelegação Regional da M. P. F., Ex.^{mo} sr. D. Carmem Barroso e Major Manuel Madeira Júnior, Delegado Provincial da Mocidade Portuguesa no Algarve, foi escutado com o máximo interesse pela vasta assistência onde se contavam além de dirigentes locais e autoridades muitas pessoas.

O orador que foi vivamente aplaudido no final, dissertou largamente quanto à nova orientação dos Salões de Estética nos quais se pretende enaltecer em ambiente próprio a arte regional de cada província ou local criando-se arte própria, com aproveitamento das possibilidades locais e regionais.

Frisando disse que o Algarve de paisagem e de colorido tão seu, pode criar no que lhe pertence, arte sua, abandonando os que pode absorver por contágio.

Desde as mobílias de cama até à estilização da flor da amendoeira e de alfarroqueira o Algarve pode ter arte própria.

São dignos de louvores todos os que contribuíram para a boa representação deste Salão, principalmente, pelo esforço e boa vontade que sempre demonstra, nestas iniciativas, a Ala 6.ª de Vila Real de Santo António.

Crónica de Lisboa

LISBOA continua crescendo!
Que ruas tão longas para quem anda a pé... Eu sei que há eléctricos, que estes não dão os solavancos incómodos dos autocarros, mas de que serve? — ou não aparecem quando os precisamos, ou vêm cheios! Preferimos ir a pé! É muitas vezes mais rápido e... mais económico. Há que recordar que somos um povo com nível de vida baixo... Com um rendimento anual médio de 3.900 escudos por indivíduo — pouco mais de dez escudos por dia, há que poupar! Meia dúzia de viagens, e foi-se metade do ordenado!... E depois?

Vamos pois a pé, descer a Avenida. O calor já não incomoda, como há dias atrás. Aquilo é que foi canícula! Quanta água se bebeu e se transpirou! Quanto refresco se tomou! E quanta fazenda se cortou desses milhões de vestidos que as lisboetas usam! Realmente, vendo bem, foi pena terminar o calor... Se os cortes da fazenda continuassem, não sei o que ficaria tapado! Enfim, a Natureza mais uma vez mostrou o equilíbrio da sua perfeição: mandou fazer alto!

E na conversa cá chegamos às esplanadas, refúgio dos inúteis e consolação dos menos afortunados. Não podem ir para a praia, estes últimos. Esta carestia da vida dá cabo da paciência a um Santo! E ainda por cima o Município de Lisboa põe os cisnes a tomar banho, mesmo ali, para fazer inveja, recordar coisas tristes. Talvez por isso todos lhes viram as costas. E uma afronta!

Estão agora quasi vazias, as esplanadas. Foi-se o calor e o vento chegou. Coitados, com a próxima abertura da Feira Popular não lhes vai dar o negócio para a luz. E' que aquilo é outra «praia»!... Mais chique, mais cosmopolita e mais barulhenta! Talvez não saibam que o barulho auxilia muito certas conversas... Isola-as... Tanto lhes dá o am-

biente de confusão — tantas vezes preciso!, como se transforma em mágica melodia de amor a acompanhar os madrigais que se dizem por aqueles recantos e até mesmo — quem diria?! — naquelas ruas apinhadas. E' verdade! Há par daqueles cujo entrelaçado dos braços tem feitos verdadeiramente estranhos.

Mas tiremos a Feira Popular dos nossos pensamentos e vamos seguindo. São quasi 6 horas da tarde e se nos atrasamos não apanharemos lugar nos cafés. Estuguemos o passo e apertemos as algibeiras interiores do casaco; a pressa faz-nos balouçar mais e as carteiras podem saltar! No meio de tanta gente seria impossível encontrá-la, por certo. Há que ser prudente nas cidades grandes!

E cá estou! Ainda tenho tempo, vou ver o «placard». Sempre são 8 tostões que se poupam.

Como de costume, não dizem nada que satisfaça. Até mezei raiua! Mas então como podem os jornais da tarde vir a abarrotar de notícias?! Ao fim e ao cabo, só leio que mais uma chefia do Governo francês foi ao ar. Olha a novidade! Isso já eu sabia, mesmo antes da votação da Assembleia!

Realmente, eu não compreendo estes franceses! Parece que se entusiasma mais a escolher rainhas de beleza! Será caso que isso lhes faça mais falta?! Talvez!...

Bem, visto que não aparece ninguém que me convide, vou então até ao Café. Por pouco que fico sem lugar! E' a «avalanche das 6!»! Haverá depois a das 7. E mais tarde a das 7 e meia. Esta última é a mais lucrativa para os Cafés. São os patrões e os gerentes, que ficam para trás a fechar as portas e... os cofres!... Demoram pouco e gastam bastante, relativamente: sempre comem um bolinho seco, com um café, às vezes sem açúcar, por causa dos diabetes. Antes destas três, já houve a mais modesta; a dos funcionários públicos. Com que felicidade terão ido lavar as mãos às 5 menos 10 minutos! Bons patriotas, quanto lhes devemos! Simpatizo com essa avalanche das 5 horas! Nunca ocupam as mesas. Tomam o café ao balcão, para não darem gorgeta, e vão tratar das colecções de selos ou dos pombos correios, não sem terem o cuidado de pôr as calças velhas, do penúl-

timo fato, feito há dez anos. Boa gente!

E não resisto à tentação! Dou 5 tostões ao rapaz e leio dois jornais. Bom negócio! Há que ter visão!...

Nada! Nada que me interesse! De «hoquei» e «foot ball» estou eu farto! E' sempre a mesma coisa. Até parece que os árbitros e o azar fizeram «pacto» com os adversários! Não me admira, pois está na moda esta coisa dos «pactos» para todos os dislates! Basta de pactos e tratem mas é de ganhar! Estou farto de desculpas tolas!

E cá estou, no ambiente de sempre. Sempre os mesmos grupos. Aqui o dos mestres de obras, anafados, com aneis nos 5 dedos, a vociferarem contra a demasiada usura dos capitalistas; além ao canto, as mesas reservadas com o jogo do 31, em que quem perde paga a despesa. Ao fundo da sala um grupo de magistrados já opositados que clamam pela liberdade do que chamam «o seu tempo». E junto à janela, como de costume, o casal de velhinhas, êle reformado e antigo combatente, ela mais nova, afastada dos serviços públicos por processo disciplinar. E aqui está um café de Lisboa, se lhe juntarmos as centenas de indivíduos, anónimos, a entrar e sair, num ambiente de fumo e cheiro a café e «moscas» que não é purificado porque, invariavelmente, estão «avariados» os aparelhos de condicionamento de ar.

E não aparece ninguém conhecido. Nestas cidades grandes, afinal, sentimo nos tão sós, tão abandonados! Quem sabe?, talvez seja melhor! Antes só que...

Vou ver o rio. Desço uma das ruas da baixa, já quasi vazia. Com que ansia o povo de Lisboa regressa às suas casas depois dum dia de trabalho! Agora só encontro os estafetas de distribuição e as senhoras retardatárias para quem é de bom tom fazer compras só depois das lojas fechadas; conseguem assim que sobre elas se concentrem as amabilidades e galanteios de todos os presentes. Boa tática! Ou então, coitadinhas, talvez sejam alérgicas aos ajuntamentos...

Vou ver o rio, e isso é mais importante. Nem já olho para as montanhas, pois já o vejo ao longe, nos seus movimentos de maré.

Eis-me frente a ele! Soberbo! Superior a tudo quanto se vê nesta Lisboa, ao fim duma tarde de observação.

Quedo-me a olhá-lo; a ver e a ouvir esse marulhar das águas, essas ondas que ora se formam, ora desaparecem na imensidão da massa fluida.

Não sei quanto tempo passa. O meu olhar que se fixa num ponto indefinido do horizonte é agora distraído pela passagem dum barco que transporta gente para a margem sul. Nele fixo o olhar, para o acompanhar sempre, sempre, com a ilusão de que nele sou transportado para longe. Sabem para onde? Eu lhes digo:

PARA O ALGARVE!!!

J. M.

Anúnciá no «Notícias do Algarve»

GAZETILHA

ABERTURA

Leitor, se tens dôr de dentes, se odeias os dias quentes, se não te achas bem dispò.to; se sofres de insolação, de reuma, ou de comichão, enfim, de qualquer desgosto;

Se temes a bomba atômica (cá para nós coisa cómica enquanto não nos chegar), se padeces de bronquite, dos rins, ou de laringite e se te queres curar,

Escuta, leitor amigo, presta atenção ao que eu digo que não te hás-de arrependar, vou receitar-te um calmante, tónico, purificante e grátis, como vais ler:

Descansa a semana inteira, dorme da melhor maneira, come e bebe à maravilha e aos domingos, prazenteiro, procura, cedo, o carteiro e olha cá a «Gazetilha»...

BIN OCLO

«Notícias do Algarve»

A todas as pessoas, a quem, por desconhecimento de nomes, ou por lapso não enviámos o nosso primeiro numero, pedimos que nos perdoem a falta e que não vejam no facto algum proposito de menos consideração.

Temos o maior empenho em endereçar o «Notícias do Algarve» a todos os nossos amigos, a quem agora o não fizemos, desde que nos forneçam os seus nomes e moradas.

António João Horta

Estabelecimento de

MERCEARIAS
LOUÇAS
VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38
Vila Real de Santo António

R. Durão Rodrigues & F.ª, L.ª

Armazem de Papelaria
Fábrica de Envelopes e Cartonagem
Caixas de Cartão Canelado
(Sistema Americano)

TELEFONE 51319

375, Rua António Carneiro, 381

PORTO

Sociedade Comercial Riri, L.ª

Rua Teófilo Braga
Vila Real de Santo António

FAZENDAS
MIUDEZAS

A casa que mais barato vende

Sociedade Técnico-Motriz, Lda.

Oficina especializada na reparação de motores de bicicletas e máquinas de precisão

Mecânico: FRANCISCO P. CORREIA

Estrada Nacional (à Patinha) - OLHÃO

ESTABELECEMENTOS LITOGRAFICOS

Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª

CASA FUNDADA EM 1890

SEDE:

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SUCURSAIS:

OLHÃO, PORTIMÃO e SETUBAL
AYAMONTE (Espanha)

ESTAMPAGEM SOBRE FOLHA DE FLANDRES

Fabricação de: Chaves, Pregos e Grelhas para Sardinhas

LATAS

Construção de latas para conservas de peixe em azeite e salmoura e para quaisquer outros produtos



CASA TRINDADE

Viúva de José da Trindade Coelho
TELEFONE 8

MALHAS NOVIDADE

Agente exclusivo do
Chapéu PALMARES

FAZENDAS - SEDAS

ALGODÕES — ETAMINES

PANOS BRANCOS

Colchas - Gabardines - Retrozeiro

CALÇADO

Camisas e Gravatas «ATCA»

Vila Real de Santo António

APARTADO 5 Tele { gramas-VIUCAPA / lona 33

Viúva de José Joaquim Capa & Filhos

Casa de Cambios e Agentes
Bancários e de Seguros

Depositários da Companhia Portuguesa
de Tabacos e de Fosforos

Depósito das Conservas CAPA

Cimentos, adubos quimicos,
solas e cabedais

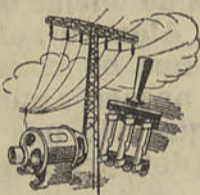
Armacenistas de Mercarias e Azelte

Estabelecimento de Mercarias e
Fazendas, por atacado e a retalho

Vila Real de Santo António

Manuel da Silva Noy

Reparações Rádio-Eléctricas



Acessórios para RÁDIOS E AUTOMÓVEIS

TELEFONE 118

Vila Real de Santo António

Aveiro - pérola da Beira Litoral

AINDA se não desvaneceu do nosso espírito a grata lembrança da manifestação espontânea de simpatia com que os vilarealenses receberam a luzida representação de Aveiro, que aqui se deslocou quando da vinda ao nosso porto do atuneiro «Rio Vouga». E, não obstante os interesses comuns, de carácter económico, que a provocaram, esta aproximação oferece umas características pouco vulgares e particularmente significativas. De facto, para além do aspecto puramente comercial de que o acontecimento pode revestir-se, quer para a empresa armadora aveirense, quer para a indústria local, não pode passar despercebido o sincero entusiasmo com que foram acolhidos os nossos visitantes. Houve, indubitavelmente, uma simpatia instintiva por uma cidade que, mercê do seu labor, da sua intensa actividade, de extraordinárias qualidades de trabalho, soube colocar-se em posição de relêvo dentro do quadro dos principais valores económicos da Nação. Por isso, divulgar breves noções da sua história, salientando a riqueza e o valor do seu património artístico, pode resultar numa contribuição, embora muito pequena, para o maior estreitamento dessa espontânea amizade. É essa, pelo menos, a nossa intenção.

Por curiosa coincidência, Aveiro deve o seu foral de cidade, concedido em 1759, ao Marquês de Pombal, fundador de Vila Real de Santo António. Além disso, porém, o Ministro de D. José criou-lhe a comarca e dotou-a com um bispado.

Da sua origem e antiguidade, diremos que o seu início se encontra, com todas as probabilidades, no *Alavario* referido por um pergaminho do século X e publicado no *Portugaliae Monumenta Historica, Diploma et Chartae*. É o muito conhecido testamento da Condessa Mumadona, que em 959 deixou vários bens ao Mosteiro de Guimarães, de sua fundação, e, entre eles, *terras e salinas, em alanario* que, como *alcarubin*, ficava in territorio *Colinbrie*. Pode-se, pois, dizer que

Alguns apontamentos sobre a sua história e o seu património artístico

esta passagem do testamento da dondessa Mumadona é a certidão de idade de Aveiro, vindo ao mundo do nosso conhecimento com o nome próprio ou latinizado de *Alavario*, há cerca de 1.000 anos.

Em documentos do século XI,

colher-se ao modesto convento de Aveiro, onde, em 1475, tomou o hábito de S. Domingos, sem contudo professar, e onde veio a falecer, em 12 de Maio de 1490, aos 88 anos de idade, deixando grande impressão por sua grande virtude e humildade.

Era uma Santa!

A escolha que D. Joana fez de Aveiro para seu retiro do Mundo e sua sepultura, teve muita importância para a Vila, tanto mais que a excelsa filha do Africano veio a ser beatificada em 1698. É a padroeira de Aveiro.

Joia primorosa em mosaico de mármore do Séc. XVIII, o túmulo onde jaz a Princesa-Santa é dos mais preciosos tesouros artísticos do Convento de Jesus, onde, também, se acha instalado o Museu. Deste, afirmou o Dr. Pedro Vitorino: — «é daqueles que nos transmitem a sublinidade do passado», e acrescenta: — «a figura espiritual da excelsa princesa para ainda nesses muros azulejados e esculpidos, entre os quais a sua existência de abnegada humildade decorreu e onde a sua alma cândida se evoluiu». Num dos salões desse Museu, presidindo à colecção de primitivos, expõe-se o Retrato da Infanta em traje de Corte. Está executado sobre *intonaco*, preparação de gesso que recobre a tábuca de nogueira, o que levou o Dr. José de Vasconcelos a atribuí-lo a um pintor estrangeiro que tivesse copiado um original de Nuno Gonçalves, hipótese, aliás, que está sujeita a discussão. O Dr. Joaquim de Vasconcelos diz que: «só por si, este retrato vale uma viagem a Aveiro».

Nós acrescentaremos: para conhecer de perto todos os seus encantos, todas as belezas naturais da encantadora Veneza de Portugal, a sua Ria fascinante, os seus canais com os seus típicos barcos, os seus valores arquitectónicos, as suas riquezas artísticas — vale bem a pena uma viagem a Aveiro!



PRINCESA SANTA JOANA

Alavario aparece transmutado em *Alaveiro*, e como *Sala*, *Saa* ou *Sá*, isto é, o lugar de Sá, hoje bairro da cidade, também com as suas salinas, situava-se na *costa marina*, ou seja à beira da Ria e na orla das suas agras.

Do insignificante povoado dos séculos X e XI, certamente visto de cultivadores da terra, de salineiros e pescadores, resultou a vila medieval, com o seu *concelho*, e a cidade pombalina do século XVIII que chegou aos nossos dias.

D. João III, em 1547, criou o Ducado de Aveiro a favor de D. João de Lencastre, neto de D. João II e filho do seu bastardo D. Jorge. Esse Ducado findou no dia em que D. José de Mascarenhas, último duque, subiu ao cadafalso (13 de Janeiro de 1759), na trágica execução de Belém.

Num dia do ano remoto de 1472, chegou a Aveiro o rei D. Afonso V, com o príncipe D. João, acompanhando sua filha, a Infanta D. Joana, ao Mosteiro de Jesus, fundado em 1458 por D. Brites Leitão, distinta dama que vivera na Corte e, enviuvando, quis, com suas duas filhas, entrar em clausura. A Infanta, que era jovem e bela, podia, pelo casamento, ser uma grande rainha na Europa, pois teve vários pretendentes reais. Seus olhos verdes eram doces e graciosos, e seus cabelos loiros emolduravam-lhe o rosto formoso e o busto gentil e *mui aposto* de grande Senhora — segundo rezam as crónicas da época. Mas a sua mocidade estava desiludida do Mundo e ansiosa de Deus, e a Infanta preferiu re-



Mostre o seu bom gosto!

Prefira os artigos das

Confecções VIRESA

Exija-os ao seu fornecedor habitual

Hotel Guadiana

Vila Real de Santo António

TELEFONE 154

NOVA GERÊNCIA

O MELHOR HOTEL DO SUL DO PAÍS

Instalações modernas
Esmerado serviço de mesa
Quartos simples e com banho

Recebe comensais a preços
bastante convidativos

Preços especiais para

BANQUETES E CASAMENTOS

Visite a Praia de Monte Gordo
A melhor Praia do Algarve
e instale-se neste Hotel

MONTAGENS DE MOTORES

MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

REPARAÇÕES



JOSÉ DE LIMA

FUNDAÇÃO E SERRALHARIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Carlos Camacho Júnior

ENGENHEIRO

Porto, 22 de Fevereiro de 1950

Ex.^{mo} Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

A seu pedido e também porque é com praser que o faço, venho confirmar a opinião aí expandida, de que a sua casa é um modelo de acolhimento familiar, excelentemente organizada, superiormente dirigida, onde tudo se encontra no seu lugar, asseada e com um pessoal delicado. A mesa é excelente primando pelos *hors-d'œuvres* inimitáveis, podendo pois recomendar-se afoitamente, sem receio de se ficar mal.

Creia-me sempre cliente nas minhas digressões a essa terra agradável e receba os meus cumprimentos afectuosos.

Carlos Camacho Júnior
Engenheiro

SONDAS KELVIN & HUGHES

PARA HIDROGRAFIA, NAVEGAÇÃO E PESCA

GRANDE BAIXA DE PREÇOS DO MODELO MS 22 C PARA A PESCA COSTEIRA

ENTREGAS IMEDIATAS

Representantes

C. SANTOS, L.^{DA}
SECÇÃO MARITIMA

LISBOA

PORTO

29, Av. da Liberdade, 41 160, R. de Sta. Catarina, 168

AGENDA

Movimento da Bota
de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 1 a 10 de Junho:

Traineeiras:	
Mannela	36.420\$00
Levante	1.760\$00
Agadão	14.680\$00
Liberta	6.635\$00
Pérola do Guadiana	3.060\$00
Maria Rosa	3.440\$00
Raulito	1.680\$00
Janita	1.580\$00
Batinha	4.230\$00
S. Domingos	3.276\$00
Flor do Guadiana	850\$00
Norte	16.765\$00
Carmela	5.040\$00
Tufão	1.380\$00
Leste	740\$00
<hr/>	
	101.536\$00
<hr/>	
1.512 Atuns	1.850.281\$70
1.215 Atuarros	1.361.715\$90
361 Albacoras	162.873\$20
14 Cachorretas	2.204\$20
<hr/>	
	3.377.075\$00

Armação de Santa Maria

55 Bonitos 430\$80

Atum da Costa de Marrocos

286 Atuns com o peso de 40.631 Kgs.

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Médicos:

Dr. Alonso Vasques

Dr. Reinaldo Prazeres

Consultas grátis ás Segundas, Quartas e Sábados.
Serviço permanente no Posto de Socorros.Dr. May Viana — «Doenças dos Olhos»
Consultas aos segundos Domingos de cada mês.

A. N. T. — DISPENSARIO

DR. JOÃO MATEUS ABECASSIS

Médico:

Dr. Reinaldo Prazeres

Consultas grátis—A's 9 horas.
Terças e Sábados — Homens.
Segundas e Sextas — Mulheres.
Quartas feiras — Crianças.

CONSULTÓRIOS MÉDICOS

Dr. Horta Correia

Consultas das 13 ás 18 horas.

Dr. Mário Drago

Consultas das 13 ás 18 horas.

Dr. Raul Folque

Consultas das 15 ás 18 horas.

Dr. Reinaldo Prazeres

Consultas das 15 ás 18 horas.

Dr. Albano de Lencastre

Consultas das 15 ás 18 horas.

MÉDICO VETERINÁRIO

Dr. José Diogo

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 13 a 19 de Junho a Farmácia Carmo-Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa.

Rápido ás 13,19, ás Segundas, Quartas e Sextas.

Correio, ás 21,30 todos os dias.

Partidas de Vila Real - Lagos.

As 6,35 e 15,40.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro.

As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,50 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

CARREIRAS PARA AYAMONTE

Partidas ás 11 e 16 horas.

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Francisco Matias

António Ruivo Madeira

Renato Rosado

Cartas de Rodolfo Ruiz

Do meu querido amigo e illustre escritor José de Basto, recebi a seguinte carta:

Meu caro Jorge Manuel,

Supõe você, por eu viver na Capital, frequentar redacções de jornais e ir todas as tardes à Brasileira do Chiado que eu hei-de conhecer forçosamente homens de letras illustres e notórios — e por isso me supplica para eu arrancar-lhes copiosa colaboração para o seu jornal...

Nada mais difícil e complicado! Você não conhece homens de letras, illustres e notórios, como me diz. Mas eu conheço-os e muitos, de velhas tertúlias e de longos convívios, e por isso lhe posso fazer desde já esta afirmação categórica: E' mais fácil arrancar das límpidas águas do Tejo uma baleia do que um artigo para o seu jornal dum escritor illustre! Devo confessar francamente que não vou sequer tentar fazê-lo. Não me pergunte porquê. Você era capaz de ser indiscreto e de publicar no seu jornal as minhas razões profundas e judiciosas... e eu nunca mais poderia frequentar essa velha Brasileira onde passo tão regaladamente as minhas pachorrentas tardes lisboetas. De resto, nos tempos que vão correndo, não sei se o seu jornal ganharia muito em prestígio e em renome com a publicação dos tais artigos que me pede...

E não fique aflito pois eu quero crer que tenho uma outra solução para o seu caso.

Sucede justamente que eu tenho um amigo que se chama Rodolfo Ruiz, que tem trinta anos de idade e duzentos contos de renda, que viaja incessantemente — já porque é novo, já porque tem duzentos contos de renda e já ainda porque possui um espírito irrequieto que sente a necessidade de seguir de perto e «in loco» o desenrolar de prodigiosos acontecimentos, mais abundantes neste século em que vivemos, do que cogumelos em prado húmido ao despertar da primavera. Este meu amigo é virgem nas letras públicas, quase um fenómeno: neste país de literatos e de escritores nunca publicou um livro nem tão pouco jamais enviou para os jornais um único artigo!... Ora eu recebo dele notícias amudadas vezes; Ora em longas páginas, ora num lacónico bilhete postal. Mas tudo quanto escreve tem interesse. E' um artista que em meia dúzia de pinceladas brilhantes e coloridas descreve um acontecimento, ou um facto, ou uma sensação que presenciou, que viveu ou que sentiu. E tanto pode ter presenciado o acontecimento em Paris, como vivido o facto em Nova Iorque ou sentido a sensação em Hong-Kong! Eu delicio-me com as suas notícias e penso que o mesmo pode por ventura suceder a meia dúzia dos leitores do seu jornal. Junto envio-lhe as últimas que recebi. A carta vem datada de Londres. Leia-a, e se dela tirar algum deleite intelectual é possível que o mesmo suceda a outros, e em tal caso o seu jornal nada perderá com a sua publicação, mesmo se esses outros não forem mais do que uma escassa meia dúzia... Todavia, se ela lhe enfadar devolva-me sem cerimónia porquanto mesmo que ela se perca para a posteridade ela encontrará um repouso

ameno e reconfortante na gaveta da minha escrevaninha.

Perdõe se mais lhe não posso fazer e creia-me com um grande abraço para si e seus,

O velho amigo
José de Basto

Eis a carta de Rodolfo Ruiz. Haverá seis leitores que me escrevam a dizer que a apreciaram?...

Londres, Mayfair Hotel,

2 de Junho de 1953

Meu caro Zé,

Isabel de Windsor foi hoje coroada na vetusta Abadia de Westminster com toda a tradicional imponência e pompa da secular corte inglesa. Não estive em Westminster, mas assisti à passagem do cortejo da janela de um segundo andar de Regent Street, entalado entre o busto farto de Mrs. Cochrane e as vastas ancas de Mrs. Watson, a mulher e a cunhada do velho sapateiro Cochrane — escocês velhaco — que tem nesse segundo andar as oficinas onde se fabrica o melhor calçado de toda a Londres. Paguei cinquenta libras pelo meu lugar. No preço estavam incluídos uma chavena de chá e duas sanduiches com presunto de York. O busto de Mrs. Cochrane e as ancas de Mrs. Watson, que tão fofamente me aconchegavam e me aqueceram no frio de rachar desse dia de inverno, eram de graça.

O coche dourado de Sua Magestade passou pontualissimamente à hora marcada — não houve um segundo de atraso. A pontualidade é bem a delicadeza dos reis! O cortejo que lhe seguia vinha deslumbrante de colorido e de garbo. As tropas que desfilaram — impecáveis. Gostei. Senti-me por momentos inglês e as palmas que dei foram entusiastas e o «God Save the Queen» que bradei com toda a força dos pulmões não foi menos patriótico e sincero do que aquele que guincharam, estridente e em uníssono, as duas boas «ladies» que me emolduravam.

Não te vou fazer a descrição do que vi. Pelo cinema terá ocasião de apreciar em todos os seus detalhes e pormenores essa esplendorosa procissão que traduziu durante umas horas a grandeza dum Império que vai das margens do Tamisa as enseadas da Tasmânia e que encerrou fulgurante e ofuscante toda a magestade dos 37 reis que precederam esta frágil Isabel de olhos tão azuis.

«La Higuera»

Este nosso colega espanhol, que se publica em Isla Cristina e é o decano da imprensa da provincia de Huelva, acaba de festejar 42 anos de publicação. Por feliz coincidência, no mesmo dia o seu Director e Fundador, D. Juan Bautista Robio Zamorano, completou o seu 66.º aniversário.

São muitas as manifestações de simpatia de que têm sido alvo tanto aquêle periódico como o seu dedicado Director.

«Noticias do Algarve» não pode deixar de registar o acontecimento, cumprimentando «La Higuera» e felicitando vivamente D. Juan Bautista Zamorano pelo seu aniversário natalício e pelos 42 anos de activo jornalismo.

Findo o cortejo vagabundeei pelas ruas. Confraternizei com os subditos de Sua Magestade e com eles delirei. Com a garganta ressequida dos «hurrahs» que lancei, desde Picadilly a Trafalgar Square, regresssei ao meu hotel às 7 horas para envergar o meu «smoking» e ir jantar com o meu velho amigo Sir William Greenwood no seu selecto Club de Pall Mall.

Quando cheguei encontrei Sir William estirado numa poltrona, derreado de fadiga mas repleto de gozo e satisfação. Acenou-me um adeus com dois dedos e lançou-me à laia de saudação: «What a glorious day!...» Que dia glorioso! E na realidade tinha sido um dia glorioso. O Império tinha posto uma rainha no trono e o inglês por sua vez tinha-a entronizado no coração!

Também cansado, afundei-me numa poltrona vaga. Noutras poltronas, outros ingleses, de smoking, felizes e sonolentos bocejavam e dormitavam... Ninguéum falava. Num grande fogão de chaminé as chamas das achas lançavam em redor pinceladas saltitantes cor de fogo. Dependurada de uma parede, de dentro do seu enorme caixilho em talha dourada, a Rainha Vitória de corda na cabeça e ceptro na mão, parecia também dormir um sono sossegado e silencioso. Um creado de libré veio-nos servir «whiskies». Enchi o meu copo. Sir William fez o mesmo. Outros ingleses em outras poltronas imitaram-nos. Não estranhei. Por mim verificara que o dia tremendo tinha gerado uma sêde tremenda! Sir William ergueu-se lentamente. Olhou-me fixamente e disse: Rodolfo, como português que és, como nosso aliado velho de vários séculos, quero que me acompanhes num brinde: «To the Queen»!

Súbito, como se uma única mola os impelisse, todos os presentes se levantaram e como se de todas aquelas gargantas uma única voz surgisse ouvi um brado

(CONCLUI NA 9.ª PÁGINA)

UM PROBLEMA DE INTERESSE GERAL

A DRAGAGEM

DA FOZ DO GUADIANA

E DOS PORTOS

DESTA VILA E AYAMONTE

REALIZOU-SE, recentemente, em Faro, uma reunião de técnicos portugueses e espanhóis para estudo do magno problema, que há tantos anos se arrasta, da dragagem dos portos de Vila Real de Santo António e Ayamonte, e, sobretudo, da barra do Guadiana. Até agora, este encargo tem sido desempenhado pela empresa inglesa concessionária da Mina de S. Domingos, mas tudo indicava que dessa tarefa deveriam incumbir-se os Governos dos dois países peninsulares.

Esta reunião é o complemento das negociações há meses realizadas em Huelva, e tudo leva a crer que, pelo espirito de mútua compreensão e boa harmonia com que têm decorrido, conduzam a uma solução benéfica para os dois portos vizinhos.

Aguardamos, com natural e justificado interesse, o resultado prático destas negociações.

A Praia de Monte Gordo

Inaugurou a sua época balnear

Patrocinado pela Caixa de Previdência do Pessoal da firma Mason and Barry, Lda., da Mina de S. Domingos, inaugurou-se, ontem dia 13, em Monte Gordo, a época balnear de 1953, tendo chegado a esta praia o 1.º turno constando de 50 crianças, filhas de empregados e operários da mesma Empresa.

Aos nossos assinantes

A todos os nossos presados leitores a quem temos a honra de enviar o «Noticias do Algarve», esclarecemos que os consideraremos nossos assinantes, desde que não nos devolvam os dois primeiros números.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

vai prestar filial e significativa homenagem, no próximo DIA 21 DE JUNHO, a Sua Ex.ª Reverendíssima o Senhor Dom Francisco Rendeiro, Bispo Coadjutor do Algarve, que visita pela primeira vez o nosso Concelho, com o seguinte programa:

8 horas — Concentração de automóveis no limite do Concelho.

8,30 horas — Chegada do Senhor Bispo ao limite do Concelho. Saudação a Sua Excelencia Reverendíssima feita pelo illustre Presidente da Câmara Municipal.

9 horas — Chegada a Vila Real, seguindo o Venerando Prelado acompanhado pelas Ex.ªs Autoridades e Convidados, por entre alas, pela Rua Teófilo Braga até à Igreja Paroquial.

9,30 horas — Missa da Primeira Comunhão e Comunhão Geral celebrada pelo Senhor Bispo, que fará a prática no momento próprio.

12 horas — Missa solene com a assistência do Ex.º Prelado e sermão pelo Rev.º Senhor Cônego Dr. Francisco Maria da Silva, de Lisboa.

15,30 horas — Renovação das promessas do baptismo e administração do Santo Crisma.

17 horas — Recepção às Ex.ªs Autoridades, Organismo da A. C. e Associações religiosas da Paroquia, na sala das reuniões da Igreja Paroquial.

As 21,30 horas dos dias 18, 19 e 20 de Junho — Haverá tríduo preparatório, com pregação pelo Reverendíssimo Cônego Dr. Francisco Maria da Silva, Assistente Nacional da Mocidade Portuguesa.

V.ª de Manuel Francisco



CHAPELARIA
SAPATARIA
MIUDEZAS

Rua Teófilo Braga, 37
Vila Real de Santo António

José Rodrigues Marques
DESPACHANTE OFICIAL

TELEFONE 23
Vila Real de Santo António

Manuel Pires Gravanita

Um sortido completo de:

MALHAS, Lãs,
SEDAS, ALGODÕES,
CAMISARIA, RETROZEIRO,
CHAPÉUS

NOVIDADES

NOVO ESTABELECIMENTO

Rua Teófilo Braga, 7

ESQUINA OPOSTA AO BANCO PORTUGUÊS DO ATLANTICO

Vila Real de Santo António

Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCERIAS POR ATACADO
Sêmas, Cereais, Tabacos, Legumes
— e Frutos Secos do Algarve —

Fábrica de Rebuçados Marca IZILDA

— Moagem de Cafés —

Correspondente do BANCO BURNAY

Tele { gramas: SERRAS
fone: N.º 32

APARTADO 7

Rua Miguel Bombarda, 2 a 12
— Rua de Portugal, 1 —

LOULÉ

Ourivesaria Aliança

Grande Fábrica de Artigos de Ouro,
Pratas Cinzeladas, Joias, Feligranas,
Bronzes de Arte, Etc.

— A MAIOR DA PENÍNSULA —

Condecorada pelo Governo com
a Ordem de S. Tiago da Espada,
de Mérito Artístico em 1945

Celestino da Mota Mesquita

191 a 199, Rua das Flores, 201 a 211

PORTO (Portugal)

Telef.: 22541 Teleg.: JÓIAS

A QUE MAIS BARATO VENDE
A QUE MAIS CARO COMPRA

OURO - PRATAS - JÓIAS - RELÓGIOS

FILIAL EM LISBOA:

Rua Garrett (Chiado), 50
TELEFONE, 23419

SALAZAR E O PLANO DE FOMENTO

O NOTÁVEL discurso que o Sr. Presidente do Conselho proferiu, no dia 28 de Maio, no salão de festas do Palácio Foz, iniciou uma série de conferências ministeriais sobre o Plano de Fomento e, ao mesmo tempo, serviu de comentário amplo e luminoso à Exposição que, logo a seguir, foi inaugurada pelo Chefe do Estado, exposição essa em que se estabelece a justa conexão entre a obra já realizada ao longo de vinte e cinco anos e os grandes empreendimentos previstos no Plano. Tanto o discurso de Salazar como a Exposição do Plano de Fomento vieram colocar-nos na presença de realizações admiráveis que nos enchem inteiramente de orgulho, e de possibilidades, de que não podemos nem devemos duvidar. O ressurgimento nacional é uma das realidades mais vivas e gloriosas do nosso tempo. E esse ressurgimento não é apenas de ordem material — é, também, uma afirmação da unidade moral, que, por sua vez, vem garantindo uma bem coesa unidade política.

Com mão de mestre, Salazar traçou o panorama da vida nacional e o panorama da vida internacional, e, não ocultando que estamos a viver uma época de transição ou de crise, aconselha-nos a que, em vez de copiarmos ou de seguirmos as estranhas ideias da moda que serão, fatalmente, além de efémeras, prejudiciais ao nosso modo de ser, nos governemos com as nossas. Essas nossas ideias, como sublinhou Salazar, não são apenas um princípio de ordem — são também a nossa primeira defesa.

O esforço de reivindicação nacionalizadora que foi o objectivo do Acto Colonial culmina e completa-se agora com o Plano de Fomento, que nos conduzirá a uma mais perfeita unidade económica.

Salazar, através do seu discurso, leva-nos a debruçarmo-nos também sobre as nossas possibilidades e sobre os nossos problemas. Estamos, pois a caminho de grandes realizações. O plano é vasto e só poderá parecer demasiado ambicioso àqueles que ignoram, por boa fé uns, por má fé, outros, a obra de reconstrução nacional que foi possível levar a cabo durante um quarto de século de finanças bem equilibradas e de saldos de contas, em que quase exclusivamente se fez uso de meios próprios. Mas agora, perante a grandeza e a importância excepcional das obras de fomento que vão efectuar-se em Angola e Moçambique, não se pode contar apenas para os investimentos necessários, com os recursos daquelas províncias ultramarinas, haverá que recorrer aos capitais da Metrópole e ainda aos que possam conseguir-se no estrangeiro. O Estado, com os seus financiamentos; será o grande e providencial colaborador dos empreendimentos em vista.

COM MÃO DE MESTRE, SALAZAR TRAÇOU O PANORAMA DA VIDA NACIONAL E O PANORAMA DA VIDA INTERNACIONAL

POR REBELO DE BETTENCOURT

A colonização interna, o desenvolvimento da agricultura, a criação de novas indústrias, os aproveitamentos hidráulicos e o repovoamento florestal fazem parte do programa previsto e estabelecido pelo Plano de Fomento. Em que condições está subordinada a sua execução? Reduzem-se às seguintes, na própria expressão de Salazar: «paz externa, estabilidade económica, disciplina administrativa».

Salazar no seu discurso — que constitui um verdadeiro programa de acção — refere-se também a «uma tentativa de correcção demográfica no País». Trata-se de iluminar o caminho «para a obra de colonização prevista em Angola e Moçambique, por via de grandes aproveitamentos hidráulicos. Com essa colonização, a obra de reivindicação nacionalizadora, que tem sido um dos grandes objectivos do Governo, torna-se mais ampla e mais eficiente. Não é Angola, hoje, um grande mundo em formação? Não é Moçambique uma outra gloriosa afirmação do génio criador de Portugal?»

Salazar, ao fechar o seu discurso, afirmou: «Não devemos ser imodestos ao considerar, lançar, executar o nosso Plano, para os próximos seis anos. Mas podemos sentir orgulho em afir-

mar que se integra no nobre pensamento de alcançar para cada braço uma enxada, para cada família o seu lar, para cada boca o seu pão».

Por estas palavras falou não apenas o estadista que se mantém fiel ao pensamento de servir a reabilitação pátria, mas também o homem verdadeiramente humano e cristão, que tem procurado elevar o nível de vida do povo português e tornar o País cada vez menos pobre.

Pastelaria Confiança

Avenida da República, 48

Especialidade em Bolos Regionais

Executam-se encomendas para

Casamentos, Baptizados e Aniversários

— TELEFONE 56 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Manuel da Silva Pena & Irmão

MADEIRAS - FERRAGENS

DROGAS - TINTAS

ESTALEIRO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

TELEFONE 147

Agente da ROBBIALAC

Vila Real de Santo António

António dos Anjos Ruivinho

Comissões - Consignações

CONTA - PRÓPRIA

ALCAPARRAS

— TELEFONE 86 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Monteiro Guimarães, Filho, L.ª

86 - RUA JOSÉ FALCÃO - 96

PORTO

PAPEIS — CARTÕES — CARTOLINA

Objectos de Escritório Nacionais e Estrangeiros

ARMAZEM IMPORTADOR

Representantes exclusivos para Portugal e Império dos Produtos de Flocador-Higiene e Beleza

L A T O J A

A grande marca de categoria internacional

José de Brito

AGENTE DE NAVEGAÇÃO

Serviço regular e rápido de navios, para os portos do Mediterrâneo, Norte da Europa e Estados Unidos.

Materiais para as Indústrias de Pesca e Conservas

Seguros — Trânsitos — Representações

Telefone 215 Telegramas SOCIFAL

Avenida da República, 86

Vila Real de Santo António

Um nome a fixar ...

CAFÉ RESTAURANTE

JANELAS VERDES

TELEFONE 206

Luis Felix da Silva

Rua de Aveiro

Vila Real de Santo António

Perrolas & Soares, L.ª

Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100
PERMANENTE 55
ARMAZEM 200

APARTADO 12

Vila Real de Santo António

Café Doli, L.ª

LEITARIA

Ótimo serviço de Pastelaria

Servindo todas as classes de bebidas nacionais e estrangeiras

Cervejas e Refrigerantes, etc.

Rua Teófilo Braga, 22-24

Rua D. Pedro V, 1

Vila Real de Santo António

Francisco Alves do

Carmo Pessanha

OLEOS E GAZOIL

ATLANTIC

Seguros em todos os Ramos

Vila Real de Santo António

Manuel Francisco Patrocínio

MARCENARIA



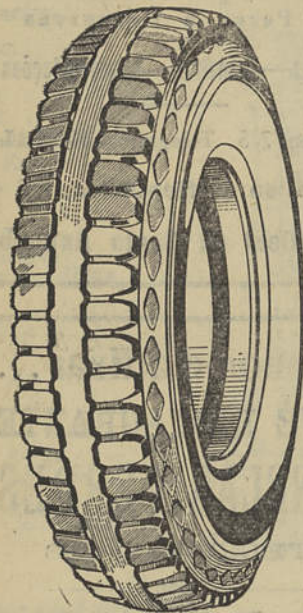
Agência Funerária

Rua Cons. Frederico Ramires, 42-44

Vila Real de Santo António

AS EMPRESAS DE CAMIONAGEM

A Recapagem Moderna de Leiria



possui maquinas modernas **AMERICANAS** para a recapagem de todas as medidas de pneus de carga e recauchutagem de pneus de automóvel.

Trabalhos de absoluta garantia quanto a descolamentos.

Peçam tabelas á:

RECAPAGEM MODERNA DE LEIRIA

DE

JOSÉ JACINTO NUNES

Rua de Tomar, 35 a 43 - LEIRIA

TELEFONE 2218

(CASA FUNDADA EM 1927)

Empresa Industrial de Tintas, L. da

Rua da Cascalheira, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA Telefone 3 8008

Fábrica Portuguesa de tintas de impressão tipo-
-litográficas, vernizes e massas para rolos

Assistência Técnica e matérias primas, da
importante fábrica escocesa da especialidade

A. B. FLEMING & C.º, LTD.

Edinburgh — SCOTLAND

FUNDADA EM 1852

HOLLAND-AMERICA LINE

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O VAPOR RÁPIDO

"ALBLASSERDYK"

carrega em LISBOA em 26 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristóbal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

PARTIDAS DE ROTTERDAM:

«DURANGO» — 20 de Junho

«DONGEDYK» — 4 de Julho

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª L.ª DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

Para si, minha Senhora

A TRAGÉDIA

DOS MENINOS PRODÍGIOS

Por Noémia Gil Faria

Nos jornais de todo o mundo elevou-se um clamor de protesto contra a morte da pequena Kathy Tongay, a nadadora prodígio que, aos cinco anos de idade, batia todos os «records» infantis de natação. O público leitor desses jornais indignou-se, sem ao menos se lembrar de que foi ele, o público, o grande culpado da morte desta inocente criança, como é igualmente culpado da infeliz vida que, na generalidade, levam os «meninos prodígios», qualquer que seja o país. Se o público não corresse a ver essas infelizes crianças, enchendo, assim, as algibeiras de emprezários pouco escrupulosos e de pais que não merecem tal nome; se quando aparecesse, nos cartazes, uma idade abaixo dos dez anos, todos se abstivessem de assistir, desapareceria, nessa altura, da face da terra, a exploração das pobres crianças que, por artes próprias ou forçadas com treinos violentos, maravilham as gentes com as suas habilidades. Há pouco tempo perguntaram a Shirley Temple — que durante tantos anos foi a menina prodígio mais conhecida em todo o mundo — quando enfrentaria a sua filha a câmara de filmar. Ela respondeu, indignada: «Nunca antes dos dezasseis anos. Sou muito amiga dela e desejo que possa gozar da felicidade de ser uma criança igual às outras, felicidade que eu nunca tive». E note-se que Shirley foi bastante protegida pela lei americana, com horas obrigatórias de brincadeira e de estudo, e que, ao atingir a maioridade, tinha, em seu nome, depositada num banco, uma fortuna. Mas essa fortuna não lhe deu a felicidade, como se depreende das suas palavras.

Contemos, porém, o caso da pequena nadadora que maravilhou todo o mundo. Russel Tongay, antigo professor de natação, era pai de duas crianças, Kathy, de cinco anos, e Rubba, um rapazinho de sete anos. O pai sonhou fazer nome e fortuna com os dois filhos. Por isso, ensinou-lhes a nadar quando mal ainda começavam a andar. E desde então, diariamente, tinham lugar treinos que aumentavam sempre de violência. Muitas vezes era à força de pancadas (como agora contam algumas testemunhas) que as pobres crianças conseguiram bater os seus próprios «records». O pai vendava-lhes também os olhos; para que não avaliassem as alturas de que ele as fazia saltar na água. Era mesmo frequente obrigá-las a saltar de dez e onze metros. Isto para crianças de cinco e sete anos!

Ainda não há muito Russel Tongay propunha-se apresentar os filhos na travessia do Canal da Mancha, essa prova terrível a que não resistem tantos adultos. As autoridades inglesas e francesas proibiram a exibição, «por demasiado perigosa para as crianças». Tal proibição não impediu, infelizmente, a morte da infortunada menina. Como se levantasse suspeitas pela morte repentina de Kathy, foi ordenada a autópsia e os médicos verificaram, horrorizados, que esta fora devida a perfuração intestinal, causada por pancada violenta. Sabe-se que, na véspera da morte, o pobre anjinho lóra sovado valentemente pelo pai, mas ignora-se se a morte resultou da pancada na água (o que é admissível, dada a altura de que a garota saltava) ou se agressão do pai.

Perguntar-se-á naturalmente se a menina não tinha mãe. Tinha. É professora de crianças e, agora, com a prisão do marido, pôs-se indiscutivelmente ao lado dele, dizendo que também foi culpada da morte da filha. pois desejava que ela nadasse sempre melhor. O Governo tomou, é claro, conta do pequeno Rubba. Como seriam, porém, tratados os alunos desta senhora que deixa matar os filhos com pancadas e com treinos extenuantes, só pelo prazer de ter meninos-prodígios?

Tristes tempos estes em que há pais e mães, verdadeiros carrascos! Valhamos a lembrança doce daquela outra mãe que, ainda não há um ano, ofereceu o seu rim para salvar a vida do seu filho. E fuçamos o mais possível de assistir a espectáculos com crianças-prodígios. Lembremo-nos de que, na maioria dos casos, esses pobres seres, para se apresentarem em público, são sujeitos a treinos violentos e a uma vida tristíssima.

Lembro-me, a propósito, quase sem querer, do violinista Antonino David. Nascido e criado numa família de músicos, foi aprendendo quase a brincar e creio que devia ter seis ou sete anos quando o vimos, de calção curto, a reger a Orquestra da Academia dos Amadores de Música. Por sinal que toda a gente achou essa regência muitíssimo boa — para a idade. Mas isto deu-se

Telegramas: SANBAR

Telefone: 14

Sanches & Barroso, L.ª

Importações e exportações em geral

REPRESENTAÇÕES

AGÊNCIA DE NAVIOS

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓRIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



A classe média, raramente consegue amealhar o suficiente para deixar a família ao abrigo da miséria. Auxilie o futuro dos seus fazendo-se sócio do

MONTEPIO GERAL

que distribue, em subvenções às suas pensionistas, grande parte dos lucros obtidos nas operações realizadas pela sua Caixa Económica.

Um associado durante 10 anos e 8 meses pagou Esc. 2.450\$00

As suas pensionistas- apenas em 14 anos- receberam Esc. 80.100\$00 de pensões e subvenções.

Sede em Lisboa—Rua Áurea, 219 a 241

Filial no Porto—Avenida dos Aliados, 90

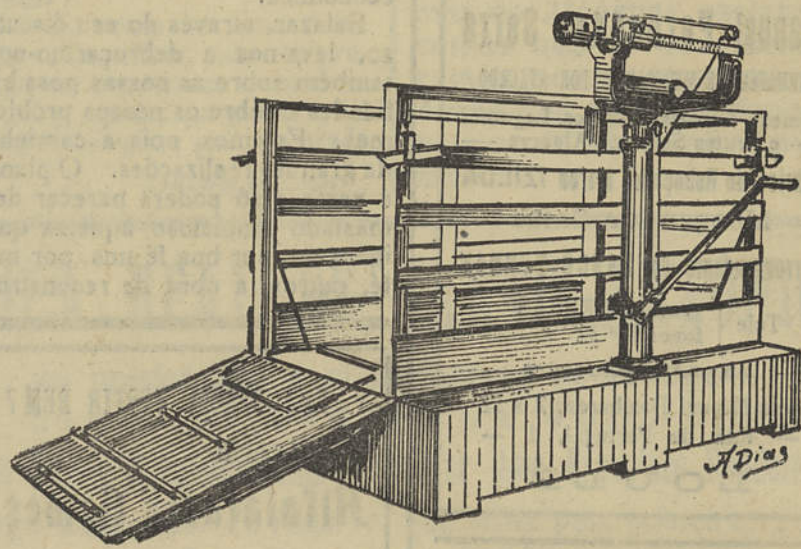
Agência em Évora—Rua Elias Garcia, 32

» » Faro—Rua Baptista Lopes, 51

Sociedade Metais, Balanças, L.ª

T. do Banco de Portugal — «Bêco do Eirado»

Telefone 2745 — BRAGA



FÁBRICA CONSTRUTORA DE:

BÁSCULAS até 100 toneladas

BALANÇAS DECIMAIS E CÉNTESIMAS
COFRES, FOGÕES, AUTO-MEDIDORAS para azule e petróleo

FUNDAÇÃO DE METAIS

A maior organização portuguesa no género

num espectáculo realizado pelo Carnaval e por brincadeira. Os pais do garoto, passada essa noite, não se lembraram sequer de o levar por esse mundo fora, a fazer pasmor as gentes com o seu talento infantil. Porque muito lhe queriam, ele continuou a ser uma criança normal, brincando, estudando e rindo como todas as outras crianças normais da sua idade.

Deveríamos também fugir à tentação de ensinar os meninos a cantar ou recitar para as visitas. O cantar é tão próprio das crianças como o rir ou o chorar. Nada mais enternecedor do que ver a mãe ao piano acompanhando as canções que os filhos cantam em co-

ro. Isto é união, é família, é amor. Mas nada de ensinar as crianças a dizerem versos ou a cantarem pela rádio ou nos salões, a horas a que muitas vezes deveriam estar na caminha, a bem da sua saúde. Evitemos dar à criança a ideia de que é mais formosa ou mais habilidosa do que as outras. Nesse dia começará a sua infelicidade. Isto quanto às crianças que todas nós conhecemos. Quanto aos meninos prodígios que se apresentam em público, com bilhetes pagos, talvez seja a altura de começarmos uma campanha para que se acabe de vez com eles. E isto — a bem da criança!

Da Agência ANI

UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

bino, em Génova, — concurso internacional para um bailado da duração de uma hora, tendo por assunto a vida e façanhas do descobridor da America, bem como o significado civilizador da sua proeza, — segundo as condições do concurso, que pedi ao Instituto da Cultura Italiana em Lisboa. O argumento era *ad libitum*, e o prémio era de um milhão de liras.

Atirei-me à composição da música sobre um argumento que eu próprio elaborei, — depois de um amigo meu, francês, de categoria, (J.-L. Vaudoyer) me ter declarado que não via maneira de tirar da vida de Colombo um *argument dansant*; e em dois a três meses já estava o bailado musicalmente alinhavado, quando um dia, ao almoço também, meu filho chama a minha atenção para uma notícia de *Les Nouvelles littéraires*: o concurso para um bailado em Biarritz, no verão desse 1951, prémio de 250.000 francos, 25 minutos de música para piano e orquestra de 25 *personnes jouantes*. O argumento era de *Marie-Laure*, e o assunto, moderno, — um mancebo hesitando na escolha entre as artes e decidindo-se pela música, donde o título *Mélos*, incluindo o bailado uma canção parodiando a célebre da *Mignon* (*Connais tu le pays...?*).

Suspendendo a tarefa do Colombo, atirei-me ao *Mélos*; e ido este para Paris, devidamente, na data apazada, voltei a ultimar o do Navegador que lá foi também, para Génova, no prazo devido, — a partitura de piano apenas, que era o essencial.

Claro que nem por sombras me acudiria a estultícia de visar à pecunia do prémio...; pois se trata de prémios naturalmente já *predestinados* mais ou menos... E tanto assim que o dito *prix Biarritz* do *Mélos* foi para um jovem compositor, Leo Preger, discípulo de Nadia Boulanger, que fazia parte do júri... Fôra evidentemente para marcar a presença portuguesa e algarvia lá a fim de se ficar sabendo que neste *plus profond de l'Occident de l'Europe* também se era capaz de fazer música internacionalmente audível...

E como entre os membros do Júri se contavam: Poulenc, Auric, Sauguet, etc... entendi dar-lhes a *roer* uma pequena novidade que lhes faria... arrebatar as orelhas! o emprego dos 4 únicos acordes de doze sons diferentes, por terceiras, facto a que a minha especulação teórica me levava há bons trinta anos, mas que na música moderníssima não me consta que haja ainda sido aproveitado...

Provavelmente — («tu não me procurarías se não me tivesses encontrado...») — nem sequer deram por isso esses insignes modernistas... Mas o caso é que a música ficou feita e creio que bem interessante, — do que não discordou, pelo contrário, o meu fraterno velho amigo Rui Coelho, quando lha mostrei e a esteve lendo com toda a atenção ao piano...

O bailado do Colombo, esse voltou-me devolvido de Génova, com a circular de que o prémio não fora atribuído a ninguém, porque dos numerosos trabalhos apresentados nenhum chegara... à craveira.

Assim, sendo este exclusivamente meu, — música e argumento — mas tendo o do *Mélos* por autora do argumento outra pes-

soa, e sabendo que *Marie-Laure* era o nome literário da Viscondessa de Noailles, escrevi-lhe a contar o que se passara, pedindo-lhe a sua autorização para com o seu argumento poder fazer ouvir a minha música, — o que ela de bom grado concedeu.

Por conselho do meu amigo Rui, procurei D. Margarida de Abreu, com quem falei, mostrando-lhe os dois bailados. Como o do Colombo, de grande espectáculo, excedia absolutamente as suas possibilidades, ficou com o *Mélos*, a ver se poderia utilizá-lo para algum dos seus espectáculos no MONUMENTAL ou noutro sitio. Mas um ano inteiro decorreu, e... o *Mélos* acabou por voltar para as minhas mãos.

Num encontro casual em Lisboa em fins do ano passado com o meu excelente amigo D. José Blanc de Portugal, o ilustre e conceituado crítico musical do «*Diário da Manhã*», mostrei-lhe os 2 bailados que lhe deixei ficar para os ver com vagar... Ao mesmo tempo, tendo estado em Lisboa Yvette Chauviré com a sua *troupe*, não quis deixar de a procurar, ficando entendido que faria eu copiar o bailado *Mélos* e lho enviaria...

Voltando a Olhão, dados os meus afazeres e outra oportunidade que pouco depois se me oferecia, suspendi esta resolução e inclinei-me para uma possível entrevista com o célebre Marquês de Cuevas, cujo famoso *ballet* internacional estava prestes a vir a Lisboa...

Quando agora vi o anúncio dos bailados do Marquês, e como outras coisas tinham que levar-me à Capital, eis-me a caminho... Mas, ao chegar, eis que dou com a notícia do adiamento dos *ballets*, por terem ficado retidos na fronteira alguns dos *décors*... Todavia nos dois breves dias que ali podia estar, não quis deixar de tratar do caso.

Sabendo que alguns dos bailarinos estavam hospedados no Hotel Borges, ali fui com o meu amigo Rui Coelho, a informar-me do paradeiro do Marquês... Um acaso feliz faz-me conhecer o simpático artista que é Oleg Sabline, e por conselho deste, mostrando-lhe as músicas, procuro, no dia seguinte, o seu companheiro Georges Skibine, corógrafo de primeira categoria. Simples e amável, indica-me o paradeiro do Marquês, que já chegara na tarde anterior: no Avenida Palace.

Com minha filha Selma que me acompanha, eis-me pois à cata do Marquês famoso. Anunciando-me como uma pessoa que ele desconhecia, mas que desejava falar-lhe, ei-lo que vem ao meu encontro.

Apresento-me então, jocosamente, como: *médico, músico e... louco* (repetindo o Marquês em espanhol que de facto disse «*todos tenemos un poco...*») E convidando-me a sentar para a conversa de cinco minutos que eu lhe solicitara, e sentados os três, (eu ao pé dele, por assim me pedir visto ser um pouco surdo do ouvido direito), começo a dizer-lhe ao que vinha. Ia dar-lhe algumas informações complementares sobre quem era, — e até documentar isso com o que ele poderia ler no calhamaço que por acaso ali tinha («*Quem é alguém em Portugal*»), comprado, baratíssimo, momentos antes, na Feira do Livro, — quando o Marquês (que, de facto, interrompera qualquer entrevista para me vir atender, e tinha pois, como me dizia, alguém que o estava

As Caves do Guadiana Café Restaurante VICENTE RODRIGUES

Avenida da República, 43-44-46

Rua da Princesa, 56

TELEFONE 74

Vila Real de Santo António

PADARIA BENTO

DE

Manuel Bento

Informa os seus estimados Clientes e Amigos de que acaba de remodelar a sua padaria.

Rua Teófilo Braga, 104

Vila Real de Santo António

Tabacaria-Livraria-Fotografia

HAVANEZA

Rua Teófilo Braga, 9

= TELEFONE 71 =

Os mais modernos trabalhos em fotografia

Fotografando-se nesta casa empregará bem o seu dinheiro

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

esperando...), familiar e prático, pedindo-me desculpa, corta o fluxo, dizendo-me: «*Tiene Usted dos bailados y desea que yo los oiga, no es? Pues bien...*»... Mande-lhe eu as músicas ou façalhas ouvir, para ele ver se lhe interessam. Ele estaria em Lisboa até 25 do corrente. (Estávamos então em domingo 17).

E, assim combinado prontamente que eu lhas enviaria, de Olhão para onde voltava, e para onde ele me disse que acusaria a recepção, nos despedimos: não sem certa jocosidade quando, ao dar-lhe o meu cartão com a morada, ele se desculpou de não usar bilhetes *ni sombrero*, fundando cortésmente com a gentileza de me declarar, referindo-se a minha filha: «*la señorita es muy guapa*»!...

Não lhe deixei logo as partituras porque as duas copias que tinha em casa eram talvez defectuosas e precisava rectificá-las. Mas, regressado nessa noite a Olhão, mandei-lhe os dois bailados dois dias depois, com o argumento do Colombo devidamente traduzido em francês. Acrescentava na carta o que já lhe tinha dito: que possivelmente voltaria a Lisboa, para os bailados das duas matinées de sábado e domingo, únicos dias que a minha vida ocupada me deixava possíveis, e então iria procurá-lo — o que de facto sucedeu, conforme se verá.

Olhão, 7 de Junho de 1953.

Francisco Fernandes Lopes

LEONEL R. AGOSTINHO

Navios para transportes de carga entre Portugal, Espanha, Gibraltar e Marrocos

Telegramas SHIPPING

Telefone 30

Rua Conselheiro Bivar, 96 — FARO

A Coroação de Isabel II

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

apesar de toda esta publicidade, apesar das constantes manifestações da multidão à sua passagem, a Princesa Isabel continuou afável e principalmente simples. A simplicidade é um dos seus maiores encantos. A princesa interessa-se por tudo quanto a rodeia, ela tem sempre um sorriso agradável nas suas fotografias, e por mais longo que seja o espectáculo a que tem que assistir, ela parece-nos sempre fresca e encantada com tudo aquilo que vê.

O povo foi absolutamente conquistado, pela jovem herdeira dos Reinos Unidos da Grã-Bretanha. Disso temos a certeza, ao estarmos hoje em Londres, assistindo à sua coroação.

A fleuma e impassibilidade, características do povo inglês, desapareceram por completo.

O seu regozijo imenso, chega a atingir por vezes as raias da loucura. A própria Londres, se modificou, desapareceu, transformou.

A única coisa que continua imutável é o tempo. O tempo, porque estava para lá dos limites atingidos pelo homem; porque, tudo que humanamente se pode fazer, modificar, criar, foi feito para que a rainha tivesse à sua volta, todo o esplendor e fausto que o carinho e amor dos seus súbditos desejam para ela, no maior dia da sua vida.

E assim, no amanhecer de 2 de Junho de 1953 sentimo-nos subitamente transportados à Idade Média, tudo que nos cerca é feérico, irreal, um conto de fadas estraído da nossa infância e como que magicamente animado por Walt Disney, uma peça magistralmente interpretada em que o guarda roupa é impossível de descrever.

A enorme abadia de Westminster, encontra-se repleta. É uma orgia de luz e cor, os pares do reino, os condes, os marqueses e duques, nos seus calções e meia alta, entre outros a figura imponente do Marechal Montgomery e a farda fantástica que o primeiro ministro Winston Churchill escolheu para este dia. Representantes das ordens de cavalaria, com grandes mantos de seda branca, capas cor de cereja ou veludo verde, os capacetes dos guardas cintilantes, as plumas, o brilho das joias!...

É no trono imperial, a jovem soberana, os frágeis ombros envoltos num manto de fino ouro, nas mãos o ceptro real encimado por uma cruz e o ceptro da pomba, símbolo da clemência, na cabeça fulgurante de pedrarias a pesada coroa de Santo Eduardo.

Os meninos do coro então hinos, os sinos não param de tocar.

O grande dia chegou para a Grã-Bretanha, o dia pelo qual ansiavam os ingleses espalhados por todo o mundo, o dia

pelo qual, todos nós ansiávamos.

Em frente à Abadia e em todo o percurso, londrinos, estrangeiros de toda a parte aglomeraram-se nos passeios, velhos, crianças, homens de todas as idades, misturam-se indiferentes a preconceitos ou diferenças de posição social, esquecidos de tudo, até mesmo da chuva que continua a cair. Duas noites passadas ao relento, que é isso, comparado ao prazer enorme, à alegria sem limites de ver o cortejo real, do momento glorioso em que aosomdo «*God Save the Queen*» o coche dourado, puchado a oito cavalos passa conduzindo a jovem soberana já coroada, acompanhada pelo Duque de Edimburgo, na sua viagem triunfal a caminho de «*Buckingham Palace*».

Nas horas de expectativa, enquanto a cerimonia se desenrola no interior da Abadia, microfones espalhados por todo o percurso tornam possível à multidão acompanhar os privilegiados que se encontram dentro do templo. E não chegamos a saber, se é a rainha que no seu imenso amor pelo povo vem até ele, se é este que na sua devoção e lealdade à soberana vai até ela. O povo levanta-se ao mesmo tempo que os grandes do reino dentro da Abadia, e o «*God Save the Queen*», não é mais do que um grito uníssimo em toda a Londres. Se a rainha se encorta emocionada o povo não o está menos.

É um grande dia na história de Inglaterra.

Através de todo o mundo milhares de pessoas seguem as cerimoniais da coroação; a serviço dos esplendores de eras passadas o engenho da era actual, as telefonias, a televisão na Alemanha, na França, Bélgica e Inglaterra.

Pela primeira vez será filmado a cores, a coroação de um soberano, num filme magistral que levará hora e meia a correr, «*The Biggest Shaw on Earth*» como lhe chamaram os americanos, a coroação de Isabel II de Inglaterra, na realidade o maior espectáculo do mundo.

Yera Ponce de León

CASA SILVA

V.ª de João Silva Oliveira

Ferragens, Drogas, Tintas, Oleos, Vernizes, Empanques, Correias de Couro e Vidros

Cordas de Cairo, Sisal e Linho

Ferro para Construções

— TELEFONE 72 —

Avenida da República, 70 e 71

Vila Real de Santo António

Clemente & Filhos, L.ª

REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS

CONTA PRÓPRIA

Conservas de Peixe e Frutos

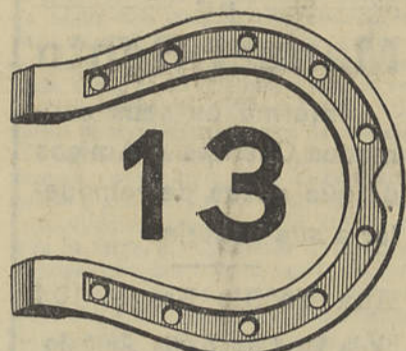
Productos Marca ALSACIANA

— TELEFONE 92 —

Vila Real de Santo António

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas
Vendas com garantia de baixa
Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Credit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

© CARTAXO - Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

O Porto de Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do deste modo que demandem o nosso porto e consequentemente o de Ayamonte, navios com mais de 25 pés de calado. Se tal se conseguir prestar-se-á um serviço enorme à economia da nossa provincia.

O porto de Vila Real de Santo António, o quinto do País e o primeiro do Sul de Portugal, é, como todos sabem, o escaudouro normal de grande parte do que produzimos na nossa provincia. O que se impõe é o aprofundamento da barra para que ele possa cumprir integralmente a sua função económica, bem servindo o Algarve.

Dentro das suas possibilidades elle tem sido um elemento utilissimo para as nossas actividades exportadoras e tem prestigiado não só a nossa provincia como também o País. Cabe aqui um louvor a esses humildes homens — os estivadores — que com a sua disciplina, o seu método de trabalho e a sua honestidade têm contribuído para o prestigio do primeiro porto algarvio.

Não se pretende com esta afirmação desdourar as aptidões dos seus camaradas da costa algarvia. O que se deseja é somente focar serviços, notar predicados que injusto seria deixar no esquecimento. Não é que os outros não tenham aptidões que se lhes emparecem. O que lhes falta são as condições do meio ambiente. Essas condições proporcionou-as a natureza e independentemente da inexorabilidade desta, um escrupulo profissional que nos apraz elogiar. Já assistimos por mais de uma vez ao carregamento de conservas no porto de Vila Real de Santo António. Observámos como as caixas eram tratadas, como tudo decorria com normalidade e disciplina e como os volumes, intactos, eram acondicionadas a bordo. E assistimos também, sem querer, a um carregamento de conservas em Lisboa, no paquete «Claude Bernard». Casualmente eram conservas de um nosso sr. Agostinho Fernandes, proprietário da prestigiosa firma Algarve Exportador, Lda.. Creio que se destinavam ao Havre. Que diferença enorme na operação de carga! Ali estivemos alguns minutos, confrangidos, a observar o barbarismo que aqueles homens praticavam. As caixas eram atiradas para uma rede estendida no chão e a violência da queda afrouxava as tábuas e deixava à mostra as latas. A lingada subia e tudo aquilo ia para o porão já despregado, enfeixado, com garantias muito reduzidas de chegar intacto ao destino.

E confrantamos mentalmente o escrupulo dos nossos carregadores que ajeitam, pregam, cuidam das caixas para que elas cheguem ao destinatário intactas e sem motivo de aborrecimento destel! E na emergência, as condições ambientes eram tal qual as que há em Vila Real de Santo António. Não era uma carga que se fizesse de barco para barco, em pleno mar, sujeita aos repeões das vagas ou às rajadas de vento. Tudo tranquilo: o navio que recebia e o cais inamovível. No caso o único ini-

migo era a homem — desleixado, falho de escrupulo profissional. Na nossa costa não será o homem o mais desleixado. As condições é que não o favorecem. O transbordo ao largo, às vezes com mar e vento tormentosos, não lhe permitem pôr à prova a sua aptidão profissional, quando a têm. E daí o suscitarem-se dissabores a exportadores e importadores.

Ainda não há muito tempo um industrial de filetagem da nossa terra teve de conformar-se com a reclamação de uma firma norte-americana, o que lhe ocasionou prejuizo.

Como se sabe, os filetes de anchova são exportados, na quase totalidade, por intermédio da American Export Lines cujos navios fundeiam ao largo de Portimão. Ali são levadas as caixas para embarque. Mas como nem sempre o mar está propicio, deu-se o caso de uma das lingadas ter ido de encontro ao costado do navio e partirem-se as caixas, molhando-se as latas. Consequências: quando estas chegaram ao destino estavam ferrugentas e o importador reclamou contra o que ele supunha ser desleixo e era apenas fruto das condições ambientes. A partir de então o industrial em causa, pessoa metódica e escrupulosa, deliberou nunca mais utilizar o recurso arriscado da costa e passou a carregar em Lisboa, pagando do seu bolso as despesas de transporte.

Estes casos são, infelizmente, frequentes no Algarve; mercadorias avariadas pela água do mar ou pela chuva, mercadorias (em especial cortiça) que mingam de peso em consequência das perdas no transbordo, navios que têm que abandonar a costa sem receber carga, navios que chegam a correr risco; enfim, uma infinidade de contratemplos que arreliam, desanimam e lesam os exportadores e não favorecem de modo nenhum o nosso comércio, o que é perigoso nesta época tão confusa, tão cheia de dificuldades e propicia a reclamações por dá cá aquela palha.

Daí o interesse que naturalmente despertou nos exportadores da nossa provincia as conversações acerca da dragagem da barra do Guadiana. E' que este beneficio (se ele for levado a cabo integralmente) assegura-lhes a entrada no nosso porto de navios de maior calado que lhe possam proporcionar o escoamento das suas mercadorias sem os riscos que actualmente são forçados a correr utilizando-se da costa.

A American Export Lines há muito que deseja que os seus barcos frequentem o porto seguro de Vila Real de Santo António mas luta com as dificuldades de acesso da barra. Logo que esta lhe ofereça as condições propicias aqui os teremos acostados ao caes, recebendo, sem sobressaltos nem prejuizos, os filetes de biqueirão dos nossos industriais e tudo o que eles precisem exportar.

No caso não se trata apenas do interesse da nossa terra — um interesse que diz respeito a um escasso número de pessoas — mas do interesse de grande parte do Algarve que carece de ver melhoradas as suas condições de contacto

com o mar. Libertemos de preocupações, de mais encargos e de horas de intranquilidade os nossos exportadores tão asoberbados já de incertezas na luta fatigante pela colocação dos seus produtos, luta cada vez mais árdua e desnorteante. Essas preocupações, que hoje desapareceram quando as mercadorias, saindo das fábricas, são aqui embarcadas, rápida e tranquilamente, chegando ao seu destino sem o mínimo dano e sem motivo de reclamação, essas preocupações — repetimos — deixarão de subsistir quando navios de maior arqueação possam demandar o Guadiana e levar por esses mundos fora o produto honrado do trabalho da nossa gente. Há que desprezar baarrismos cegos, mentalidades sertanejas e teimosias que não podem perdurar, pois acima de pequenos e discutíveis interesses estão o prestigio e o interesse de uma provincia que vive sobretudo da exportação do que manufactura ou daquilo que os seus campos produzem. E precisa que o produto do seu trabalho chegue intacto ao destino, para maior crédito da sua indústria e mais segurança da sua economia.

Esperemos pois que as conversações ultimamente realizadas acerca da dragagem da barra do Guadiana tenham repercussões favoráveis nas actividades exportadoras da nossa provincia.

J. B.

UM VERDADEIRO PLANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

peças principais se encontram condensadas em publicações editadas pelos Ministérios da Economia e do Ultramar, que li e assimilei tanto quanto a minha limitada intelligência me permitiu, constitue sem dúvida um dos mais importantes diplomas do nosso tempo, pelo que representa como anteprojeção de tudo o que poderia ainda considerar-se em aberto para o completo aproveitamento de todos os nossos recursos, como dados para a solução dos sagrados problemas das condições de vida do Povo e do enriquecimento e emancipação económica do nosso País.

Não irei, nem nestas nem em quaisquer outras palavras que sobre o mesmo assunto venha a escrever, fazer considerações pormenorizadas do Plano de Fomento; para tanto não me chega a competência. Limitar-me-ei pois, dentre o Povo em que me encontro, a olhar e apreciar, a formar juizos e a emitir-los, com a mesma boa intenção e vontade de acertar com que qualquer espectador examina o programa dum magnifico espectáculo a que vai assistir.

Sem dúvida, como em toda parte, há sempre pedaços de mau caminho a percorrer. As veredas duma vida de trabalho estão sempre semeadas de escolhos; e por cada flôr que colhemos, muitos espinhos nos molestem as mãos. Certamente pois os orientadores da execução de tão vasto plano os

irão encontrar e assim o seu trabalho terá mais valôr.

Tal como comecei, digo que todos os portugueses se habituaram, dentro do sistema que os rege, a ver cumpridas todas as promessas de realizações, por mais difíceis ou árduas que sejam. Tenho a certeza de que ninguém duvida do cumprimento de mais esta, educados como estamos numa politica de verdades.

Li algures que um só raio de verdade faz empalidecer a falsa luz de muitos sistemas. Acredito que assim seja, pois a nossa luz, a luz de Portugal, aumenta dia a dia de intensidade!

J. M.

Colaboração

CONFESSAMO-NOS deveras sensibilizados pelas muitas provas de apreço e franco aplauso que nos têm sido manifestadas a propósito do nosso jornal. Entre outras, desejamos salientar a decidida boa-vontade dos nossos colaboradores, lamentando apenas a impossibilidade absoluta de incluir no limitadissimo espaço das nossas dez páginas toda a colaboração recebida.

Aos nossos colaboradores cujos originaes fomos obrigados a deixar de remissa, pedimos nos desculpem. A todos, porém, endereçamos os nossos agradecimentos, e, em especial, a D. Vera Ponce de León, pseudónimo de uma ilustre escritora, ao distinto escritor e jornalista Dr. José Pinto Lelo, Dr. F. Fernandes Lopes, José Barão, brilhante profissional da imprensa, que colaboram neste número.

Assina! «Notícias do Algarve»

Cartas de Rodolfo Ruiz

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

atordoante: «To the Queen»!... A Rainha Vitória pareceu-me acordar e creio mesmo que lhe vislumbrei nos lábios um fino sorriso de orgulho de raça...

Despejados os copos, rangeram novamente as poltronas com os corpos pesados que lhes cairam em cima, mas rápido se restabeleceu o silencio. Passaram-se segundos e já as pálpebras se me tornavam pesadas quando um venerando ancião de cabeça toda branca me perguntou duma poltrona que ficava mesmo em frente da minha:

— Creio ter percebido que o senhor é português?...

— Portuguesissimo, meu caro Lord, de Vila Real de Santo António, da Provincia do Algarve...

— Perfeitamente, perfeitamente... Reino de Portugal e dos Algarves!...

Fiquei atordoado com tanto saber do inglês e ia-lhe já perguntar onde adquirira tantos conhecimentos sobre a minha Pátria quando o respeitável ancião me elucidou:

— Falei muitas vezes do vosso glorioso país com um compatriota vosso que foi grande amigo meu e do meu Rei...

— Ah sim?... E' curioso... adiantei eu amável.

— Muito curioso, retorquiu o velho de cabelos todos brancos, mas já foi há muitos anos. A era Victoriana mal acabara nesses tempos já longínquos e as sombras de Peel, de Gladstone e de Disraeli ainda tinham contornos nitidos... mas no trono estava já Eduardo VII o grande amigo, o amigo intimo desse meu velho amigo português... Que homem, esse ilustre portu-

guês! Ele vinha muito aqui ao Clube e então às sextas-feiras era quase sempre certo. Eu e os outros sócios já sabíamos... Soveral — sim, esse meu velho amigo chamava-se Marquês de Soveral — partia no dia seguinte para ir passar o «week-end» com o rei a Sandringham, e vinha aqui fazer colheita das últimas anedotas para lhe contar... O rei adorava anedotas, e ninguém lhas sabia contar com mais graça e com mais espirito do que esse meu velho amigo português. Era «a charming fellow», um homem encantador esse Marquês de Soveral... E as anedotas, como ele as sabia contar...

O ancião cerrou por segundos os olhos e um sorriso divertido que lhe entreabri os lábios fez-me crer que a recordação de alguma mais bregeira lhe acorrera a memória...

— Muito divertido o Marquês de Soveral, murmurei eu querendo ser amável com o velho...

— Muito divertido, mas também muito intelligente e com uma influencia considerável no Rei... Não havia melhor empenho para Eduardo VII do que o Marquês... O rei ouvia-o sempre e muita inveja prescritei eu neste Clube! E' que de facto houve momentos em que Soveral, chegou a orientar a politica inglesa!...

— Inacreditável, disse eu...

— Pelo menos assim corria em Londres... E olhe, a Entente Cordiale foi em parte obra sua. Foi o Marquês de Soveral que por incumbência de Eduardo VII foi a Paris avistar-se com o Presidente Loubet e o seu ministro Delcassé para apalpar e sondar as disposições do Gover-

no francês. E tão bem se houve que a Entente Cordiale fez-se e toda a politica mundial sofreu uma transformação radical... E tudo isso em parte foi devido ao seu ilustre compatriota!

Senti-me lisongeados pelos feitos do meu ilustre compatriota e lancei entusiasmado: Grande homem o Marquês de Soveral, que grande coisa a Entente Cordiale e que grande epoca a epoca Eduardiana!

— Na verdade que grande epoca a epoca Eduardiana, afirmou o meu simpático ancião, mas que grande epoca também a epoca Victoriana! Foi nela que se ergueu e se consolidou o Império Britânico...

— Grandes épocas de facto, mas o que será agora esta epoca Isabelina que hoje começou, inquiriu Sir William Greenwood.

Antes porém que pudesse haver uma resposta o «maitre d'hotel» veio anunciar que o jantar estava servido. Levantámo-nos, e passando o seu braço pelas minhas costas Sir William foi-me encaminhando lentamente para a porta. Ao passarmos sob o olhar mais directo da Rainha Victória, estacámos um segundo. Sir William disse-me olhando a grande rainha de frente:

— Que grande rainha foi esta Victória de Saxe Cabourg Gotha!

— Que grande rainha será esta Isabel de Windsor, retorquiu eu mansamente...

Quando voltei ao meu hotel, altas horas da madrugada deixei ainda nas ruas multidões frenéticas cantando o «God Save the Queen»!...

Um abraço para ti e para os teus

Rodolfo

DESPORTO

FUTEBOL

Com muito entusiasmo, continua a disputar-se, na nossa Vila, o torneio popular de Futebol, entre sete grupos formados por rapazes novos, entre os quais não é difícil escolher um apreciável lote com excelentes qualidades para a modalidade, a confirmar a existência, na nossa terra, de um verdadeiro viveiro de jogadores.

Não seria tarefa dificultosa, com um pouco de boa vontade, entusiasmo e orientação, construir-se os alicerces de uma equipa que viesse a honrar as notáveis tradições do futebol vilarealense.

HOQUEI EM PATINS

Têm-se realizado no ringue dos Bombeiros Voluntários, alguns jogos de hoquei patinado entre as quatro equipas existentes em Vila Real.

Mais do que o interesse que os referidos desafios têm despertado no público, é de salientar a habilidade, o garbo e o entusiasmo manifestados pelos praticantes, todos rapazes com menos de vinte anos, que muito merecem o nosso caloroso aplauso pela iniciativa em fazerem entre nós, e apenas por si, a propaganda de uma modalidade tão rica de atractivos e na qual as representações do nosso País tanto se têm nobilitado no campo internacional.

GINÁSTICA NO CLUBE NÁUTICO

Num esforço, a todos os títulos louvável, acaba a Direcção do Clube Náutico de criar aulas de ginástica, sob a orientação do atleta e distinto professor, sr. Luiz Falcão Santos, formado pelo I. N. E. F..

Esta notícia vem já noutra local deste número. Todavia, entendemos ser nossa obrigação focar o assunto também nesta secção, atendendo à sua transcendente importância.

A juventude vilarealense vê assim preenchida a maior lacuna existente na sua actividade de gente moça. A ginástica é bem necessária à saúde e à formação física da mocidade e indispensável à prática de qualquer modalidade desportiva.

O Clube Náutico é digno, pois, dos louvores de nós todos, vilarealenses, e as Excelentíssimas autoridades municipais, estamos certos, saberão olhar para esta iniciativa com todo o carinho e o apoio que o caso merece.

Araujo Ribeiro, L.^{da}

TELEFONE 158

Rua Fabril, 3

Vila Real de Santo António

Camionetes de Aluguer para todos os pontos do País

Arménio de Sousa Cardoso

Fábrica de Conservas de peixe em salmoura

FILETES DE ANCHOVA

IMPORTADOR E EXPORTADOR

MARCAS REGISTRADAS

«AREMANY» e «546»

Telegramas: ARMÉNIO CARDOSO

TELEFONE 119

Vila Real de Santo António



Sociedade de Litografia e Vazio, L.^{da}

Fabricação mecânica de latas para conservas

Litografia sobre fôlha de flandres

Telefones: 14 PPC e 47

Telegramas: SOLIVA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Estabelecimentos IMPÉRIO

DIAMANTINO M. BALTAZAR

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Fazendas, Calçado e Merceria Telefone 165

Merceries, Tabacos, Combustíveis, Telefone 45

Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais

Café Restaurante Comercial Telefone 125

Pastelaria Império Telefone 186

Srs. Lavradores

Criadores de Gado

Quereis abundância de Leite nas vossas vacas?

Comprai farinha alimentar

SANGUEFORTE

SANGUEFORTE, é uma farinha alimentar para gado, que simboliza a abundância de leite, desenvolvimento e engorda.

Fabricante: **LUIZ GARCIA**

FÁBRICA: Rua António José Baptista, 8 a 14

Telefone 3588

SETUBAL

LIVRARIA - PAPELARIA

TABACARIA

BIJOUTERIAS

BRINQUEDOS

“IBÉRIA”

A. VICENTE CAMPINAS

Rua Teófilo Braga, 56

Telefone 80

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Desporto CINE-FOZ Nacional...

ENQUANTO os nossos cavaleiros se guindaram a uma posição de grande destaque, mercê da brilhante figura feita nas recentes provas hípias internacionais, igual sorte não nos tocou a respeito da Taça Latina e do Campeonato do Mundo de Oquei em Patins. Nesta última modalidade vemos dia a dia, ano após ano, crescer a categoria dos nossos adversários e perigar a posição que durante tantos anos conservámos, no Oquei Patinado Mundial. O nosso receio é apenas que sejam só os outros a subir; os nossos de sejas são que, respeitada a posição relativa de outrora, todos subamos a um mesmo tempo. E' pedir muito?

Já no futebol somos um pouco mais complacentes ao compreender e aceitar melhor a derrota da nossa representação na Taça Latina. Dizem que houve azar. Admitimo-lo, de certo modo, habituados como já estamos a deixarmos-nos vencer por esses argumentos subjectivos.

Mas, assim como somos complacentes nalguns casos, também somos intolerantes noutros. A Taça Portugal foi esta época, certamente mais leve, menos massiça, menos valiosa... Um dos favoritos da prova abandonou-a pura e simplesmente para, após a disputa da Taça Latina, partir em viagem de... representação. (Hesitámos, sem saber se lhe chamássemos, «de negócio»). Outro, dos mais categorizados, deixou uma representação de recurso na prova, para, com fim semelhante ao primeiro, enviar os seus em representação do nosso futebol, os quais, após um percurso de milhares de quilómetros, iriam sofrer copiosa derrota.

Por mais que queiramos, não poderemos ver em tais procedimentos nem uma nota de bom desportivismo, nem o respeito devido ao público português, sempre solícito em esgotar lotações e enriquecer bilheteiras...

Apresenta hoje, **Crepúsculo dos Deuses**, uma obra audaz do já célebre par Brackett-Wilder, que entre outros exitos nos deu «Farrapo Humano», «A Valsa do Imperador», «A sua melhor missão» e agora... o mais audaz de todos os filmes. «Crepúsculo dos Deuses», que é uma obra absolutamente revolucionária. Primoroso desempenho de William Holden, Glória Swanson e Erich von Stroheim. (Para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-Feira, 18 - O Corsário Lafite. A história do mais audaz pirata de todos os tempos, filmada em maravilhosos Technicolor. Brilhante interpretação de: Paul Henreid, Jack Oakie e Mary Anderson. (Para indivíduos com mais de 13 anos).

Novidade Literária

Do mesmo autor do romance

«FRONTEIRIÇOS», A VICENTE CAMPINAS saiu há pouco

«TRAVESSIA»

Preço 20\$00

à venda em todo o País

Pedidos a «IBERIA»

Vila Real de Santo António

Preço de Assinaturas do 'Notícias do Algarve'

Continente

Séries de 10 números . 9\$90

» » 20 » . 19\$90

» » 50 » . 49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas

6 meses 28\$80

Um ano 57\$00

Estrangeiro

Um ano 90\$00

No próprio interesse de V. Ex.^a consulte sempre a

TIPOGRAFIA SOGORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

V.^a de Manuel Vasques Azevedo

COMISSÕES - CONSIGNAÇÕES - REPRESENTAÇÕES

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Telefones { Escritório, 69
Residência, 98

Endereço Telegráfico
ODEVEZA

— VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO —

DYNIA

Um nome que já está gravado no pensamento de todas as pessoas económicas

O MAIOR SORTIDO

AS MAIS RECENTES NOVIDADES

Os melhores preços

RUA TEÓFILO BRAGA

TELEFONE N.º 156

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO